

MOVIMENTOS SOCIAIS



A opinião pública e a capacidade estratégica de lidar com uma democracia falida indicam a impressão geral sobre os movimentos sociais em 2017. Aqueles que conseguiram resistir e vislumbrar um horizonte da construção de um projeto para o Brasil deram o tom das mobilizações neste ano. Dessa forma, cresce na sociedade a defesa pela construção de um modelo de Estado capaz de mudar o Brasil de novo.

Se o jargão socialista nos impõe o pessimismo na análise e o otimismo na prática, como ficamos quando, na verdade, a análise é a própria prática? Respondermos com a estratégia utilizada nesse período: debater narrativas. Afirmamos em diversas circunstâncias e reafirmamos nesse balanço: a forma como as pessoas contam as histórias dos processos de mobilização é fundamental para atestar o quão bem sucedido ou não ele foi.

É simples, o Brasil vive de recordações saudosas e orgulhosas de grandes processos de mobilização, como as Diretas Já e os caras-pintadas. Curiosamente, no entanto, não apontam com orgulho e saudosismo as manifestações amarelas da Avenida Paulista convocadas pela TV Globo.

E isso acontece por uma constatação muito simples: manifestação no Brasil é boa e dá resultado quando a maior parte das pessoas acorda em tratar o processo dessa forma. Quando há divergência política, não se conta a mesma história e aí o processo, da dúvida, vira um fracasso.

Em outras palavras, a grande maioria das pessoas aceita a ideia das Diretas Já ou de defender o Brasil.

Mas não é a grande maioria das pessoas que aceita o processo da aliança Globo e classe média-alta vestida de Confederação Brasileira de Futebol (CBF) nem um processo de paralisação generalizada da classe trabalhadora.

E essa diferença de projeção posterior do resultado dos processos de mobilização é o que marca o ano de 2017, embora não tenham sido transmitidos nos meios de comunicação. O Brasil assistiu, em boa parte calado e fingindo que não estava acontecendo, ao renascimento de um processo de resistência democrática e mobilização popular poucas vezes tão consistente.

Mas porque, ora por ingenuidade ora por má fé, boa parte das pessoas não trata dessa forma, parece que o país está num marasmo imobilizador, especialmente num momento de ruptura democrática. Falso. Veremos.

Lula e o Brasil Que o Povo Quer

Um golpe de Estado só tem êxito completo quando ele consegue derrubar a imagem e a repercussão projetada por seus opositores. Nesse sentido, Lula é a maior prova do fracasso dessa intentona liberal de quinta categoria.

Isso porque a grande resposta da opinião pública ao processo golpista é, nesse momento, a enorme tendência de uma vitória de Lula em primeiro turno em 2018. Ao analisarmos as caravanas de Lula pelo Brasil podemos perceber que cresce um sentimento de recomposição política popular.

O próprio presidente já afirmou, em diferentes circunstâncias, que “o Lula não é uma pessoa, que o Lula é uma ideia”. E a ideia-força dessa recomposição popular parece passar por um sentimento de construção de condições e de escuta e diálogo, muito diálogo.

O movimento social chamado Lula é o que constitui o melhor potencial agregador desse sentimento e dessa prática. Foi isso o que mostraram as caravanas do Nordeste, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro/Espírito Santo. O processo de suporte popular em defesa de Lula (basta recordar do dia do primeiro depoimento, o dia que o povo parou Curitiba) gerou o acúmulo necessário para uma nova empreitada de esperança e contato com o povo, proporcionada pelas caravanas.

Por outro lado, o próprio PT consolidou seu processo de escolha interna de direção e com ele reposicionou o partido na disputa nacional. Parte substancial da esquerda brasileira deu início a importantes iniciativas de discussão de um projeto para o Brasil. É o exemplo da iniciativa “Brasil Que o Povo Quer”, da Fundação Perseu Abramo e do PT, lançada em 2017.

Em seus diversos lançamentos, estado por estado, o “Brasil Que o Povo Quer” parece apontar uma conexão nova, eficiente e popular com as necessidades básicas do país, mas também reflete um contexto geral de que é preciso repensar o Estado brasileiro.

As classes trabalhadoras

Em 2017, assistiu-se à maior greve geral da história do Brasil e à construção da maior ocupação liderada pelo MTST em sua trajetória. São números que dizem isso, não narrativas. O que convence do contrário é a grande mídia golpista.

As mobilizações de CUT e MTST marcam um novo processo da resistência democrática e dão a esses movimentos o protagonismo das organizações em

defesa do interesse dos trabalhadores. Ambas guardam uma característica de radicalização política com capacidade de diálogo com as bases e intensidade de seus movimentos.

Valendo-se das relações em frentes populares (Frente Brasil Popular e Frente Povo Sem Medo) com diversas instituições, essas reações dão o tom da luta contra o golpe, apesar dos inúmeros retrocessos impostos pelo governo ilegítimo.

O que ocorre com esses movimentos, no entanto, é uma enorme dificuldade imposta pelas mídias tradicionais, que vendem uma falaciosa conjuntura de imobilidade popular. Um bom exemplo desse caso foi a decisão da CUT de não dialogar com os golpistas na tentativa fracassada das outras centrais de tentar negociar uma alternativa para o financiamento sindical, em contraposição a uma reação forte contra as reformas.

A imprensa, por seu lado, anunciou que “as centrais sindicais” possuem a estratégia central de negociar com o governo golpista uma saída para a contribuição sindical. Boa parte da repercussão disso, inclusive entre setores progressistas, aparece no mesmo sentido de enfraquecer a mobilização da CUT tratando da questão financeira.

Esse contexto prova mais uma vez que a escolha de narrativa e a sua disputa é fundamental para a “sensação de sucesso” desses movimentos. Paradoxalmente, a opinião pública caminha para o resultado dos processos de mobilização, atestando o interesse popular por um Estado indutor de um modelo de desenvolvimento que diminua desigualdades.

Em um momento de severas dificuldades políticas e estruturais, MTST e CUT apresentam um roteiro de solução nacional não desejado pela elite. E qualquer reação no efeito da imobilidade é parte da construção de uma tática golpista muitas vezes absorvida por setores da própria esquerda.

Assim, cabe, na análise de narrativa, a compreensão de que o sucesso dos movimentos sociais depende da forma como contamos essa história. Suas identidades e construções históricas seguem sólidas e capazes de convencer.